



[Clique aqui para ampliar](#)

O ANALISTA MULTIUSO^{1*} (ou o santo e o objeto)

Marcus André Vieira

Resumo: Partiremos da terceira pergunta lançada por Jacques-Alain Miller a Lacan em “Televisão”. Era uma pergunta provocativa sobre a saúde mental: “Os psicólogos, os psicoterapeutas, os psiquiatras, todos os que trabalham em saúde mental, são eles que, na base e na dureza, agüentam toda a miséria do mundo. E o analista, enquanto isso?”.

Palavras-Chave: cidade, santo, capitalismo, riso.

Do sujeito ao santo

Partiremos da terceira pergunta lançada por Jacques-Alain Miller a Lacan em “Televisão”². Era uma pergunta provocativa sobre a saúde mental: “Os psicólogos, os psicoterapeutas, os psiquiatras, todos os que trabalham em saúde mental, são eles que, na base e na dureza, agüentam toda a miséria do mundo. E o analista, enquanto isso?”.³

Naquela época não se encontravam tantos analistas nos hospitais, escolas, caps, como hoje. Se é mais difícil, agora dizer que os analistas não se envolvem, que ficam se limitam ao “bem bom” dos consultórios, isso não significa que a estrutura mudou. O analista continua aparentemente diferente não se “misturando” com os outros. Longe de qualquer pretensão, de se tomar por alguém superior, há algo estranho em sua posição.

Vamos imaginar um analista em uma reunião de equipe no campo que se convencionou chamar de “saúde mental”, em um Caps, por exemplo, que foi minha experiência. A discussão gira em torno de um “usuário”. Fala-se sobre a pessoa em questão, supõe-se que ela seja uma coisa só. Na gaveta etiquetada com seu nome próprio e sustentada por seu corpo vão se depositando, ao longo da discussão, os mais variados saberes: que ele não gosta de fulano, que sorriu quando lhe deram isso ou aquilo, que é um esquizofrênico, que gosta de trabalhar na oficina de bijuterias etc. Quanto mais for dito melhor, certo, mas qual informação vai valer mais que as outras? Qual vai dar o norte do tratamento?

Não é o fato de associarmos um mundo de informações a um corpo que nos fornece certeza ou decisão. Costuma ser o contrário, quanto mais sabemos sobre nós, sobre nosso corpo, por exemplo, quanto há de calorias em cada prato que se come, as nossas necessidades de vitaminas e calorias, mais ficamos perdidos, jogando-nos sobre o primeiro manual de auto-ajuda que encontramos.

E o que faz o analista nesta reunião? O nome mais conhecido para referenciar sua ação é o do “sujeito”. Levantamos a bandeira do sujeito, mas o que significa, porém, dizer “é preciso ouvir o sujeito”? Nem sempre sabemos onde ele está, ainda mais

^{1*} Este texto reproduz uma parte da primeira aula do seminário, *Invenções – A política do sintoma*, realizado na EPB-Rio no dia 21 de agosto de 2008. Boa parte das idéias ali desenvolvidas encontram sustentação em *Restos* (Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008). Agradeço a Leandro Reis pela transcrição e notas.

² Lacan, J. “Televisão” (1974). Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

³ *Idem*, p. 516.

quando, às vezes acontece, o paciente em questão nem ao menos responde pelo seu nome próprio. Costumamos alojar o sujeito na particularidade. Nas histórias mais pessoais, nos fatos mais íntimos, de preferência narrados pela própria pessoa e com bastante afeto. Nem sempre, porém, dispomos disso, especialmente na lida com psicóticos. Por isso a cena da reunião. Ali não há este sujeito na primeira pessoa narrando suas intimidades. Então qual daquelas tantas informações será a “do sujeito”?

O analista pode se considerar o campeão do sujeito, no sentido de defender uma subjetividade particular, mas na hora de deslocar-se na clínica da psicose ele se verá rapidamente desorientado, pois é a própria subjetividade que às vezes está por ser construída. Ainda mais porque nem mesmo poderá apostar no infantil ou no sexual como fazemos de hábito para garantir que ali há sujeito. É só pensar no quanto a sexualidade na psicose é confusa e o quanto a história às vezes se perde. Então, em cima de quê isso poderá ser feito? Existe um material próprio ao analista que lhe dê um lugar nesta equipe, ou este lugar será sempre o dos mistérios do sujeito?

Acompanhemos a resposta de Lacan. Para começar ele diria à toda a equipe reunida, algo como: quem suporta a miséria do mundo está sustentando-a, mesmo quando a denuncia e luta contra ela.⁴ É pesado, pois parece aquilo que os mais reacionários dizem sobre a caridade: “não dê esmola, pois estará acomodando o mendigo em sua posição de pedinte”. Para começar, precisamos de um pouco de contexto, pois este tipo de afirmativa em nossa cidade se torna especialmente cruel. Isso posto, não deixa de haver alguma verdade neste dito e é essa que Lacan quer fazer valer, naquele contexto mais assistencialista do estado francês de sua época.

Apesar de qualquer contextualização, o que diz Lacan já é bastante para tornar sua posição estranha. Aborrecidos com sua acusação, poderíamos retrucar: se de qualquer modo, o que quer que se faça está colaborando para sustentar a miséria do mundo, o que faz o analista? Aqui, em vez de falar do sujeito e de uma pretensa subjetividade a ser preservada, em vez da pureza da intimidade, a resposta de Lacan é das mais estranhas: primeiro ele define o analista como um *santo* e depois diz que ele faz *descaridade*.

Para ele “não se pode situá-lo [o analista] melhor, objetivamente, senão pelo que antigamente se chamava de ser santo”.⁵ É preciso termos em conta que Lacan não está usando o termo em seu sentido corriqueiro, o analista não é o homem puro, acima de todos, flando no céu, como desenhavam os retratos dos santos. Ele se interessa pelo santo como pessoa física, como o que o distinguiu em sua vida e que só veio a conferir-lhe a beatificação na posteridade. “Um santo, durante sua vida, não impõe o respeito que às vezes lhe vale uma auréola”.⁶ Lacan enfatiza no santo sua vida e não a lenda. Aqui o contraste impera. O santo com o qual parece o analista não é idealizado, puro, elevado, superior, desapegado, mas sim mais próximo de como costumam ser os santos em vida, pessoas no mínimo bastante controversas. O santo costuma ser alguém mergulhado na miséria de seu tempo, nem sempre light e leve, mas violentamente tomado pelas paixões do mundo. Delas, ele parece extrair algo mais. Neste sentido vem a segunda definição, na qual o santo é tudo menos um assistencialista caridoso: “O santo, para que me compreendam, não faz caridade. Antes presta-se a bancar o dejetivo: faz descaridade”.⁷

Objeto ilimitado

⁴ *Idem, ibidem*. “É certo que agüentar a miséria, como diz o senhor, é entrar no discurso que a condiciona, nem que seja a título de protesto. O simples dizer isso me dá uma posição que alguns hão de situar como reprovação da política (...). Apenas indico que não posso fazê-lo a sério, porque ao denunciá-lo [o discurso capitalista] eu o reforço.”

⁵ *Idem*, p. 518.

⁶ *Idem, ibidem*.

⁷ *Idem, ibidem*. Para o que segue cf. André, Serge, “Ser um santo” in: Brissac, M. C.; Dumas, R.; Giroud, R. *Connaissez-vous Lacan?* Paris: Seuil, 1992.

Para nos aproximarmos do entendimento dessas difíceis definições seria preciso todo um percurso, como costuma nos exigir Lacan, sobre o *caritas* medieval, que retoma a *filia* grega e a coloca em relação com o divino. Seria bom mostrar o quanto isso desfigura a filia, afim de afastar a oposição thomista entre caritas, puro e abstrato de um lado, e o Eros das inclinações sensíveis do corpo animal. Remeto vocês ao livro de Jean-Claude Milner⁸ para isso, pois vamos seguir Lacan, que faz um curto-circuito para colocar em tensão, outro par: o santo, ideal, e o resto abjeto que movimenta toda sua ação. Em vez da alma que confinaria com o divino, e o corpo, da baixaria animal, Lacan distingue e articula, a movimentação do caridoso e sua causa, sempre abjeta.

Para retomar este novo par podemos dizer que para Lacan o analista tem do santo a proximidade, bem material e quase física, com o que regula para ele o campo do desejo, de tudo o que Lacan situa com seu *objeto a*. Deste modo, em vez do sujeito como símbolo do mais abstrato em nós, de nossa alma, ou a de nossos usuários, Lacan traz a idéia de que para que haja analista é preciso que se possa dar lugar ao mais desprezado, a escória de cada um.

Esse objeto a ser garimpado na massa de associações e informações sobre o sujeito, não é um objeto comum. Que objeto é este, o objeto da psicanálise?

Vamos, por favor, de saída evitar uma assimilação exagerada deste objeto com o plano do imundo. No contexto, muitas vezes de miséria que é o do cuidado com os psicóticos, isso seria perigoso. O lixo é apenas uma maneira de situá-lo. Aqui, a irreciprocidade é de lei: o desejo sempre se sustenta em coisas inomináveis, que nos encham de vergonha e que precisam ficar fora de cena para que tudo funcione, ou então, que ali estejam, mas veladas pelo recalque. Isso não significa que tudo o que for nojento e vergonhoso será nosso guia como uma espécie de ideal negativo. O analista não precisa ser um São Francisco que abraça e beija o leproso.

O essencial deste objeto é que ele é um paradoxo vivo. Proponho, para dar corpo a esse paradoxo, abordar o objeto como *ilimitado*, com a seguinte afirmação: *o santo lida com um objeto ilimitado*. Ele lida com objetos que são diferentes dos outros e é isso que faz dele santo. Agora, se conseguirmos entender um pouco mais sobre o objeto “a”, avançaremos quanto ao que visava Lacan. Para tal, vou me apoiar em algumas indicações de Lacan sobre o infinito no *Seminário 10*⁹.

Para começar, o seguinte: na vida há coisas maiores do que ela. Digamos de outro modo: *nem tudo o que é vida cabe em nossas vidas*. As coisas têm corpos e existem, e o mundo é feito delas, mas nem tudo da vida cabe no mundo. É que o dizemos quando afirmamos, com Lacan, que o real escapa. Sim, mas onde reside o que escapa às coisas do mundo? A tendência clássica é dizer que é encontrável no além mundo. O além é o nome mais comum para o que não cabe nas coisas. Mas, estamos em condição de saber: *ir-para-o-além* nunca vai acontecer, pois nunca chegaremos lá e caso chegássemos, “lá” já não se trataria mais de além. Essa é a forma comum de se entender o termo *infinito*; uma forma de lidar com o que não cabe no mundo é transformá-lo em infinito, sempre além, nunca alcançável.

O objeto da psicanálise faz parte das coisas que não cabem na vida, mas não está nem é infinito e sim *ilimitado*. No *Seminário 10*, quando Lacan trata do objeto da psicanálise, refere-se rapidamente ao verdadeiro infinito e ao falso infinito. Lacan aborda essa diferença de várias formas em seu ensino e nomeia esses dois infinitos de vários modos: infinito próprio e impróprio; falso e verdadeiro; potencial e atual. Ressaltamos aqui o apoio que ele extrai dos trabalhos de Georg Cantor quanto a dois tipos de infinito, o “potencial”, falso, e o “atual”, verdadeiro.

⁸ Milner, J. C. *Le triple du plaisir*, Paris, Verdier, 1997. Para a retomada de algumas das considerações de Milner sobre a *filia* cf. Malajovicth, N. “Inventar o amor: um desafio na clínica das psicoses”, Tese de Doutorado do programa de Teoria Psicanalítica da UFRJ, 2005 e também Lutterbach-Holck, A. L. *Patú*, Rio de Janeiro, Subversos, 2008.

⁹ Lacan, J. *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 35 e 107.

O infinito potencial é o que chamamos de clássico, por exemplo, o infinito dos números inteiros, a idéia de que esses números não se esgotam, de que sempre se pode ir mais além, sem nunca chegar ao final. Desse modo, o infinito é uma idéia, mas não uma realidade, nunca se chega no infinito, nunca se está nele, sempre há um número a mais, por isso, “potencial”.

Há também a idéia de outro infinito, o infinito atual. Lacan se vale de muitos caminhos para apresentá-lo: desde a poesia à lógica. Com a matemática, podemos localizá-lo nos paradoxos, por exemplo, o de Zenão, da flecha que nunca chega ao alvo.¹⁰ Para nos mostrar o paradoxo ele pede que imaginemos a flecha tendo percorrido metade da distância, a seguir ela terá que percorrer novamente metade da distância que lhe resta percorrer e assim, sucessivamente. A cada momento ela ainda terá uma nova metade a percorrer e portanto nunca chega ao infinito.

Este é o infinito potencial. Mas o paradoxo se constitui justamente por acionar um outro infinito. É que em cada segmento percorrido há um infinito de subsegmentos, que um espaço finito pode ser dividido infinitamente. O paradoxo apresenta o infinito potencial, dos infinitos segmentos a percorrer sem nunca alcançar o alvo e, ao mesmo tempo, o infinito que está contido em cada segmento a percorrer. Isto é, dado um espaço delimitado, o infinito está contido nele! Trata-se de um infinito localizado, presente, um espaço finito, mas de infinitas possibilidades, o que, para não confundir, chamaremos de *ilimitação*.

Podemos reproduzir essa problemática entre o número 1 e o número 2, pois é possível dividir o espaço entre eles ilimitadamente. Sendo assim, entre um passo e outro há também um infinito. Esse é o infinito atual que está presente diante de mim quando descortino o mundo de possibilidades de um simples passo. Essa sensação de abertura de um leque dos possíveis, de ilimitação das possibilidades, é sempre um momento mágico de vacilação, que nem sempre é agradável, pois a angústia pode surgir exatamente por isso. Ou seja, essa temática tangencia a experiência da angústia como encontro com o nada, no qual se tem a sensação de estar em contato com tudo. Talvez seja nesse sentido que Heidegger conceba a experiência da angústia como uma experiência com o nada.

Esta é a vertigem de um obsessivo diante de um simples telefonema ou da assinatura de um contrato: ele só consegue postergar porque está demais prenhe de possibilidades de vida. Ou ainda, estamos no infinito atual quando se termina a faculdade ou, quando, em um texto, encontramos um grão de poesia que nos faz levantar o rosto do livro que lemos apenas para, como diz Barthes, continuar a ler olhando para longe.

Temos um vislumbre da diferença entre o *infinito* e o *ilimitado* quando Freud responde a Rilke, o poeta melancólico com o qual dialoga em “Sobre a Transitoriedade”¹¹. O poeta está triste porque as coisas são efêmeras, ele mede os objetos com a idéia de um objeto ideal no infinito. É por isso que ele se entristece. Os objetos humanos nunca estão à altura do Objeto no infinito, um infinito potencial ao qual nunca se chegará. O poeta, portanto, só pode se decepcionar. Em contraposição, Freud afirma: se os objetos não duram, a fruição aumenta. Muito bonito, mas como ele consegue esta satisfação do encontro?

É preciso pensar que Freud não toma os objetos em relação ao infinito potencial, e sim ao infinito atual. De fato, deste ponto de vista, os objetos podem ser infinitos aqui

¹⁰ No *Seminário 20*, Lacan aproxima o infinito do masculino e o ilimitado do feminino com a figuração do paradoxo dado por Zenão entre Aquiles e a tartaruga. O infinito falso se aproxima do homem que anda seus passos sempre do mesmo tamanho, mas que vai longe com esses passos. Lacan, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. “A tartaruga, também ela, não está preservada da fatalidade que pesa sobre Aquiles – o passo dela também é cada vez menor, e não chegará jamais ao limite, e não chegará jamais ao limite. É daí que se define um número, qualquer que seja ele, se é real. Um número tem um limite, e é nessa medida que ele é infinito”.

¹¹ Freud. S. “La transitoriedad” (1916). Em: *Obras completas, op.cit.*, vol. XIV.

e agora. Por sua própria transitoriedade eles serão infinitos. É bem verdade que, para nos transportar para essa dimensão, Freud convoca a guerra. Ela é uma presença do infinito aqui e agora, no infinito do horror, que é bem diferente do infinito potencial. O importante, porém, não é o horror da matança, mas como até ele pode servir para que se apresente o infinito atual. Um objeto pode ser o infinito aqui e agora e neste caso, nunca decepciona. Isso seria o que chamamos de contingência ou de abrir-se para a contingência. Não é o fato de que qualquer objeto serve, mas sim que em um dado objeto pode se encontrar quase qualquer coisa.

Capitalismo ilimitado

Lacan desloca o debate sobre a eternidade ou transitoriedade do objeto para a relação entre o objeto e o infinito (ou entre o infinito e o ilimitado). Para o objeto ilimitado – o que realiza o infinito atual – Lacan propõe, no *Seminário 10*, o termo *objetalização* em oposição ao de *objetivação*. O santo, portanto, objetaliza e não objetiva. Traduzindo a descaridade por objetalização, em que avançamos?

O que se faz comumente é transformar o ilimitado em infinito. Ao buscar o objeto lá na frente nunca encontro a ilimitação, apenas infinitude potencial. É assim que tendemos a pensar a santidade: um homem que produz em nós a crença em um amor infinito. Se, como Lacan, invertemos os termos teremos que, na realidade o santo é aquele que produz a presença em nós do ilimitado. É como entendo: objetalização é produzir a ilimitação como objeto.

“Objeto ilimitado” é outra forma de falar da causa de desejo, do objeto *a*. Se um objeto nos mobiliza é justamente porque parece ter ilimitadas possibilidades; não consigo finalizar uma leitura dele, não consigo circunscrevê-lo. Não é assim que falamos da pessoa amada? Percebemos também a presença desse objeto na angústia, mas no amor fica mais fácil. Cremos, no estado de paixão, que encontramos o objeto ilimitado.

Deixem-me agora apresentar uma idéia relativamente surpreendente: não é apenas a psicanálise que lida com objetos ilimitados, o capitalismo também. É isso que Lacan traz à cena quando afirma em “Televisão” que “o inconsciente é o trabalhador ideal” do capitalista.¹² Tendemos a dizer que o capitalismo acaba com a mais-valia, mas é justamente o contrário. O capitalismo é antes de tudo a própria produção do ilimitado. O capitalismo trabalha com a mais-valia da mesma forma que o psicanalista ou o inconsciente. Por isso Lacan aproxima a mais-valia do objeto *a* e, em “Radiofonia”, lembra a relação orgânica entre o mais-de-gozar e a mais-valia.¹³

Vejamos: na fábrica produzem-se objetos que serão vendidos, no final há um lucro que vai para o bolso do capitalista, mas ninguém sabe de onde ele veio já que, pelos menos nessa fábrica ideal, todos foram perfeitamente pagos de acordo com o valor de seu serviço. Todos fizeram sua parte, mas há um *a mais*, um mais-de-gozar, que se acrescenta e ninguém sabe bem dizer como.

Para melhor situar essa bizarra relação de parentesco entre o analista e o capitalista, podemos nos valer do *isso* freudiano. Quase sempre, quando utilizamos o termo *isso*, nos referimos a alguma coisa da qual não conseguimos dar conta, não conseguimos esgotar com uma definição e que ao mesmo tempo não tem bastante “ser” para merecer uma. Freud serviu-se do termo *isso* para criar sua instância, optando por não conferir-lhe “ser” através da objetivação. Apenas colocou em maiúscula (lembrando que o *Id* nada tinha de latim, coisa de James Strachey, seu tradutor, Freud dizia simplesmente *Es*). Freud faz do *isso* um objeto-instância, exatamente *isso*, um objeto ilimitado.

¹² Lacan, J. “Televisão”, op. cit. p. ???

¹³ : “É realmente o caso de confirmar o que eu disse sobre o mais-de-gozar. O *Mehrwert* é *Marxlust*, o mais-de-gozar de Marx” Lacan, J. “Radiofonia” (1970). Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 434.

Se é verdade, podemos abordar o slogan do McDonald's, "amo muito tudo isso", com outros olhos. O que é este *isso* do McDonald's? Não sabemos dizer, mas sabe-se que a propaganda cria por esses meios o BigMac como um objeto ilimitado. Estendo ao Big Mac uma tese de Žižek sobre a Coca-Cola, que já usou o slogan: "Coca-cola é isso aí" ou "Coca-cola: isso é que é". Žižek afirma que a *Coke* é um exemplo de objeto *a*, pois ela não é nada e ao mesmo tempo é tudo, por isso, ilimitada, inclusive com todo o folclore em torno do que seriam seus desconhecidos ingredientes.

Costumamos torcer o nariz para os capitalistas, mas as coisas não são assim tão simples. O capital só existe pela produção da mais-valia, que ganha hoje os curiosos nomes de competitividade, criatividade, diferencial etc. E o capitalista é seu artífice. Ele também trabalha com objetos ilimitados, como nós analistas. É inclusive difícil pensar em um sem outro e não é à toa que a psicanálise não se desenvolveu no comunismo. Além disso, em um mundo estritamente religioso, em que o valor absoluto é o do infinito potencial, o capitalismo, mas também a psicanálise, se vêem em maus lençóis. Onde se produz objetos ilimitados, por outro lado, a psicanálise nada a braçadas largas. Como Lacan dizia: "o verdadeiro católico não se analisa". Ou como dizia Freud, o rico não se analisa, pois ele pode pagar para obter tudo, portanto, nenhum objeto é ilimitado para ele.

É um problema para a visão romântica da psicanálise que se sustenta em um contraponto absoluto com o capital. Precisamos pensar nossas relações com o capital de outra maneira. Quem luta pelo sujeito como marca de alguma coisa fora da cadeia de consumo, mas que está no além, faz da psicanálise uma religião. Esse é um bom modo de lutar contra o capitalismo. Trata-se de uma forma de se antepor ao mundo louco de hoje, porém, no final, talvez esteja inviabilizando a possibilidade da psicanálise. É verdade que se começa uma análise eventualmente acreditando no Deus-Freud e no pastor analista, mas ela não prossegue e muito menos termina assim.

O analista multiuso

Então, o inconsciente é o trabalhador ideal porque, tal como o capital, trabalha com objetos ilimitados, que nunca se esgotam. E a diferença? Onde está?

A primeira e mais evidente é que a série de objetos que se deve percorrer e pôr na sacola para se obter o *isso* será bem distinta em um caso e no outro. Na psicanálise funda-se na história de uma vida e não na cartilha do consumo, a série é mais particular e não diretamente universal. Contudo, a diferença principal não é essa, da massificação dos objetos do capital. Afinal, por mais particulares que sejam os objetos de uma história também fazem parte do mundo. É justamente o *isso* que eles veiculam que dá à série o caráter de singularidade. Em outros termos, a singularidade não está em cada um dos elementos da série, ela insiste em cada um deles. Os objetos-lembrança de uma análise, por mais que em algum momento do tratamento possam ter sido tão prenhes de significados, se apresentarão mais cedo ou mais tarde em sua pouca originalidade, pois afinal não vivemos coisas tão únicas assim.

Conta, para a diferença que buscamos, a particularidade, mas o essencial é a diferença de estrutura entre as duas séries de objetos: os de uma análise e os do consumo. Essa diferença pode ser ilustrada com a propaganda do *Mastercard*: "há coisas que não têm preço, para todas as outras há *Mastercard*". Ela ensina como lida o capital com seus objetos ilimitados. Primeiramente, o *Mastercard* parece dizer que não é possível comprar a felicidade. Mas, é claro que não se trata disso. Se fosse assim, estaríamos fora do capitalismo, apostando novamente no céu, na felicidade fora do mundo, no além. Nada disso! É preciso ler a propaganda do *Mastercard* ao lado da propaganda do *MacDonald's*: "dois hamburguers, alface, queijo molho especial, cebola picles num pão com gergelim". Nada pode variar. Mas se comprarmos tudo que está na

propaganda, então teremos o *isso*. O que a propaganda procura incitar é que na compra de alguns objetos a felicidade vai junto, no meio, como um brinde¹⁴.

O *isso*, para o capital é um brinde. Desde que se compre tudo o que está contido em uma série fechada, você o ganhará. Em uma análise haverá duas diferenças de peso: a série não é fechada e o *isso* não é brinde. Elas se articulam, mas vamos tratá-las separadamente.

Dada uma cena, a partir da associação livre, dela se extrai um ilimitado número de subcenas e de variações. Esse desfiar de cenas não tem limitação a priori, enquanto que na cartilha do consumo, ela sempre está dada. Que não se confunda essa limitação externa do capital, com o fato de que há sempre um produto a mais a comprar. Ninguém consegue viver em uma série fechada e por isso a propaganda precisa desenhar a cada vez uma nova cena de base. A série de cenas de consumo é aberta e tende ao infinito (a um infinito potencial de uma satisfação absoluta que nunca virá). Mas, a cada cena não há alternativa, senão tudo consumir para que alguma mais-valia de gozo seja incluída na sacola e dê ao consumidor a sensação de que valeu a pena. É o que estou chamando de limitação externa.

Em uma análise, a série de cenas, cada uma delas, é aberta. Cada uma delas é um verdadeiro infinito, um infinito atual, que justifica o termo *ilimitado*. A questão se coloca, então, para a análise: como parar a série de modo “interno”? A resposta já é dada de saída. É o analista, seu consultório, seu bairro, sua presença, seu corpo em última instância, que servem de remédio para a vertigem da interpretação e reinterpretação incessante de cenas, de proliferação de ressignificações que uma análise engendra. O analista é o ponto de basta para isso tudo, mais do que o ritual do encontro, o contrato, que também cumpre essa função. O analista como “semblante de objeto a”, garante que a série de cenas em uma análise é finita, pois ele sustenta a crença do analisante de que em algum momento se chegará ao umbigo de tudo, o centro cego do desejo. De fato, isso ocorre, mas não por descoberta e sim por “construção”. O que ocorre é o que Lacan chama de extração do objeto, que Freud chamaria talvez de construção da fantasia. É como se dessa avalanche de cenas fossem se destacando pequenos elementos que vão se tecendo em uma “cena primária”, ou “fórmula da fantasia”, que nada mais é que uma montagem entre algumas coisas que se sabe que não precisam ter existido, mas que definem o modo como um falante goza, ou como ele se mantém à boa distância do objeto. Desse desfiar de cenas destaca-se um objeto – a chave da repetição – daquilo que insiste no rosário de cenas percorridas. Ele é nosso *isso*, que, brincando com as palavras a partir de Miller, poderíamos dizer que é nosso osso.¹⁵ O objeto a, uma vez situado na construção da fantasia incide sobre a série de lembranças interrompendo-a. É o que tentaremos circunscrever com o termo *invenção* neste semestre de curso.

O analista, então, não é apenas aquele que nos faz encontrar objetos ilimitados. Ele próprio, no dizer de Lacan, “banca” o objeto a. Ele é também, um objeto ilimitado.

As indicações de Lacan em *Televisão*, apontam para o fato de que esse status objetual do analista no tratamento, talvez devam orientar seu lugar na cultura. É o que, a meu ver, define Miller, quando propõe que se pense o analista na cidade como multiuso. Quando Miller fala de analista multiuso, tal como Lacan, não está visando os analistas, mas o analista, uma função que os analistas são chamados a desempenhar que às vezes conseguem outras não. O analista é da contingência, os analistas não. Portanto, o analista e a psicanálise lidam com objetos ilimitados e são em si, para a cultura, igualmente objetos ilimitados. O analista é multiuso justamente por sua lida específica com um objeto que é tudo e nada ao mesmo tempo.

A ciência incide sobre o real a partir de seus objetos, a inserção deles no ciclo do consumo torna-os objetos ilimitados. O celular hoje é um objeto ilimitado. Meu filho

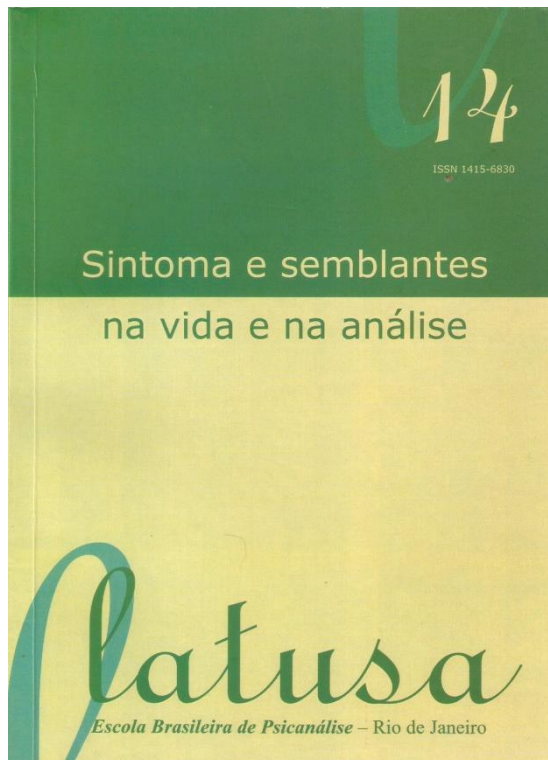
¹⁴ Retoma-se aqui um ponto desenvolvido também em *Restos* (cap. 5).

¹⁵ Miller, J.-A. *O osso de uma análise*. Salvador: EBP-Bahia. Biblioteca agente, número especial, 1998.

dizia outro dia, “aquele celular é muito ruim, ele só liga”. No início, o celular apenas ligava, vocês nem imaginam tudo que ele faz hoje.¹⁶

Mas não há apenas os objetos da ciência como objetos ilimitados neste mundo, graças a Deus! O analista é um deles. O analista multiuso, o santo de Lacan, seria alguém que se oferece na cultura como um objeto ilimitado ou como aquele que se ocupa de coisas ilimitadas ou, ainda, como aquele que não tem um só sentido para as coisas, mas vários, imprevisíveis e imponderáveis, mas, nem por isso, menos circunscritos ou concretos. Falar de psicanálise na cidade, não significa suportar a miséria do mundo e sim que o analista tem algo a oferecer, a descaridade de uma relação original com objetos inexistentes e ilimitados.

¹⁶ Teremos que colocar em pauta a ciência. Do ponto de vista idealista, que faz do inconsciente algo *do além*, a ciência é tão vilã quanto o capitalismo, até mais. Por quê? A ciência produz capital? Em Lacan e até mesmo em Miller creio que não acharemos a idéia de que o capital acaba com a possibilidade da psicanálise, no entanto, uma aliança entre o capital e a ciência sim. É o que podemos deduzir, por exemplo, do que indica Lacan em *Triunfo da Religião*. Ele articula a ciência, que produz uma avalanche de novos objetos, e a religião, que prove sentido para eles aos montes. A ciência produz objetos que têm efeito no real. A religião lhes dá sentido, o capital se apropria deles e com eles compõe sua lista obrigatória do consumo (cf. Lacan, J. *O triunfo da religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005).



expediente

Conselho Editorial

Elza Marques Lisboa de Freitas
Fernando Coutinho
Lenita Bentes
Maria Elisa Delecape Monteiro
Maria do Rosário do Rêgo Barros
Manoel Barros da Motta

Editora

Maria Angela Mársico Maia

Secretária de edição

Vanda Assumpção Almeida

Capa

Paula Delecape

Editoração eletrônica

Contra Capa

Site

www.latusa.com.br

Agradecimentos

Maria do Carmo Dias Batista
Vera Avellar Ribeiro

Comissão de publicação

Angela Bernardes
Cláudia Henschel de Lima
Cristina Duba
Maria Elisa Delecape Monteiro
Elza Marques Lisboa de Freitas
Heloisa Caldas
Inês Autran Dourado Barbosa
Romildo do Rêgo Barros

Indexação

LILACS/BIREME

Latusa
v. 1, n. 1 (nov 1997) – Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise
Seção Rio, n° 14, novembro de 2009.

Annual
ISSN: 1415-6830

Psicanálise – Periódicos 2. Clínica
L.: Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro

CDU: CDU: 150 (815.3)
CDD: CDD: 150.195

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores
Todos os direitos reservados a:

Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro
Rua Capistrano de Abreu, 14 – Borafofo
CEP 22271-090 – Rio de Janeiro – Brasil
Tel / Fax (55 21) 2539.0960
<ebprio@terra.com.br>

SUMÁRIO

artigos/ articles

- 9 Psicose ordinária e sintomas modernos
Ordinary psychosis and modern symptoms
Jean-Pierre Klotz
- 23 O analista multiuso (ou o santo e o objeto)
The multi-use analyst (or the saint and the object)
Marcus André Vieira
- 39 Semblante e discurso: estrutura e verdade na ciência e na psicanálise
Semblant and discourse: structure and truth in science and psychoanalysis
Tania Coelho dos Santos
- 53 Cartas de amor semblante
Love letters semblants
Heloisa Caldas
- 65 Introdução à leitura do livro 18:
De um discurso que não fosse semblante
Introduction to the reading of Seminar 18:
D'un discours qui ne serait pas du semblant
Dominique Laurent
- 73 O pesadelo do sinthoma sem semblante
The nightmare of the sinthome with no semblant
Analicea Calmon